



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 27 de Março de 1976 * Ano XXXIII — N.º 836 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

LOURENÇO MARQUES

Como não estivesse presente, quando o Ministro da Educação nos visitou, fui, dias após, mais os professores da Escola e o nosso Quim, ao seu gabinete. Lá, ouvi palavras como estas: «Vós tendes o apoio do sistema político existente, porque estais a comun-

gar connosco a responsabilidade de educar o Povo. Vamos juntar esforços a favor do nosso Povo. A Casa do Gaiato deve ver a responsabilidade histórica no momento actual. Não pensar mais em termos do sistema anterior: vamos ver quem nos ajuda, para ajudarmos os outros. Nós não vamos ajudar vocês. Agora a responsabilidade é mútua».

Palavras de esperança como na altura lhes chamei. Hoje, penso que foi apenas uma atitude temporizadora para evitar embarçar-nos. Aliás visitou a nossa Aldeia novamente, acompanhado da Delegação da R. D. A., não passando das oficinas, nem falando a ninguém. Daí o receio bem fundado que tivemos, só desfeito quando a Casa de Retiros da Diocese foi transformada em Escola do Partido, de que actualmente é responsável.

Logo que foi anunciada a nacionalização do sector particular da Saúde e Ensino, apareceu em nossa Casa o Grupo Dinamizador Distrital. Quase todos conhecia, especialmente o secretário de que falarei e um suíço, Pastor e professor de Teologia do Seminário interconfessional. Recebi-os com agrado. Verificaram que a nossa escola há anos era oficial, dependendo de nós apenas na água, luz e conservação. Até

disse com certa ironia que era justo que a Frelimo tomasse como seu todo o Ensino e não mais à Igreja Católica seriam assacadas culpas de fazer tanto com tão pouco que recebia. O Pastor, enquanto fomos a caminho da Escola, para o inventário, pôde segredar-me a sua indignação por andar a nacionalizar as suas próprias escolas. Mais tarde, soube que foi irradiado do grupo dinamizador, por ter requerido à base dos estatutos da Frelimo, uma reunião de crítica à maneira como o comissário político, em actos de nacionalização semelhantes, atacava a Religião.

No nosso caso não; mas, daí a dias, eu próprio fui espectador, ao ser convidado para um comício popular, cuja finalidade era precisamente explicar que a Frelimo não era contra. Por isso estava ali um padre católico e quase todos os membros do grupo dinamizador eram cristãos. Para mim e todos os outros bem intencionados, ansiosos pela libertação do colonialismo, era fácil pegar na Bíblia e demonstrar como Deus presidiu à libertação do povo Judeu escravizado no Egipto (Êxodo 3/7-8) e como Cristo veio anunciar a Boa Nova aos Pobres e a libertação aos Oprimidos (Luc. 4/18). Imediatamente a seguir ouviria as mais insólitas críticas



Outra bela moradia da Casa do Gaiato de Lourenço Marques. Hoje, escola de preparação da polícia secreta da Frelimo (SNASP)!...

FESTAS

Desta vez é mesmo verdade. Passámos a fase em que as dúvidas permaneciam firmes, não deixando ver com optimismo a possibilidade de realização das nossas Festas. É quase sem receio que afirmo: este ano haverá Festas! E digo ainda quase porque não estamos livres de contrariedades e há ainda pequenas dificuldades que nós, com unhas e dentes, tentamos superar.

Temos um programa alinhavado. Promete ser bom. Vamos agora dar-lhe concretização. Para isso começámos com ensaios.

Temos um grupo de festeiros decididos e cheios de vontade, que já não admitem de maneira alguma que não haja Festas. Para experiência já chegou o ano passado.

Pois é, Amigos, temos saudades vossas; temos saudades dos vossos carinhos, da vossa manifestação de amizade, do calor das salas cheias em vossas terras, do amor que nos dais.

Ter-nos-eis entre vós de novo. Queremos levar-vos a nossa alegria, a nossa inquietação e o nosso testemunho de vida.

Quero fazer um pedido: queremos levar-vos uma peça de teatro que é fogo, mas tem música própria e, por mais que procure, não encontro uma pista dos discos que têm essa música! Assim, se alguém, por acaso, tiver em sua discoteca particu-

Cont. na TERCEIRA pág.

às Missões Católicas como: «Se o nosso Povo anda descalço são as Missões Católicas que têm culpa; se passa fome... se é ignorante e não tem escolas é a Igreja Católica que tem a culpa; está com o colonialismo, tem muito dinheiro e não quer saber do sofrimento do nosso Povo». Não podia ficar calado e, embora não me permitissem, levantei a voz para dizer que se estávamos a falar português e Moçambique, do Rovuma ao Maputo, ouvia o presidente Samora falar português, isso se devia à Igreja Católica. Se em Moçambique havia maternidades e postos médicos pelo mato e escolas, embora muitas à sombra do cajueiro, isso se devia ao interesse das Missões pelo Povo.

Apesar da minha intervenção o ataque continuou no mesmo tom. No fim pedi-me particularmente desculpa.

O estilo de farsa era tão grande que após o comício passou por nossa Casa dizendo-me que precisava de mim, pois há muito não se confessava. Prudentemente respondi com um riso involuntário e indiscreto que havia muito tempo para pensar a sério nisso.

Não quero julgar mal destes homens de índole tão diferente, funcionários do governo, engajados tão à pressa e até por necessidade bilateral na mentalização das massas, que tinham de se mostrar profundamente vinculados às ideias revolucionárias.

Padre José Maria

Calvário

Os nossos irmãos são sempre as pessoas mais simpáticas. Somos capazes de lhes tecer os maiores elogios. Eles são os primeiros, os maiores, os mais em tudo.

Pois ontem apresentaram-me um irmão que eu desconhecia por completo. E as referências que tenho a fazer dele são todas ao invés do que seria normal. Não tem cultura porque é analfabeto. Comporta-

-se como criança porque é atrasado mental. Tem um riso postiço que o torna antipático. Se o vires confirmas o meu depoimento. Vivia numa das vertentes da serra de Montemuro. Não tinha ninguém a seu lado. Porque incapaz, eram os vizinhos que o alimentavam e vestiam. E ele dormia com os animais numa corte imunda, que jamais conhecera mão que a limpasse.

Eu nem sabia que ele existia. Foi pessoa do lugar que me veio informar e depois o trouxe.

Aqui está e vai começar a viver como gente, adquirindo hábitos humanos e encontrando finalmente lugar na sociedade.

É meu irmão. Mas, também será teu se quiseres, como eu quis, que ele fosse meu.

Temos que sair à rua e en-

trar nos aídos; temos que bater às portas e penetrar nos antros; temos que subir à serra e percorrer aldeias pobres, como a do Valentim, para descobrir mais irmãos. Não é cómodo ser-se cristão. Mas, se alguém tenta ser cristão coerente, quão benéfico é para os Pobres! Se alguém aceita ser pobre, quantos Pobres não colhem bem dessa Pobreza!

«Anda. Sé pobre. Reconhece que os Pobres ainda têm muito para te dar! E tu mais eles seres mais ricos.» Esta linguagem não é para todos, mas quem a entende sabe que digo verdade.

Padre Baptista

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

MISÉRIA ESCONDIDA — «F. desempregou-se, há mais de um ano, pra olhar pelos pais «empregados» (leia-se entrevados). É uma miséria escondida!»

A notícia chegou assim, dramática, sumária. Era Domingo Gordo.

Metemo-nos a caminho. O sol abria o leque sobre o arvoredado. No prado, ovelhas. A distância, o vale do Sousa. Grandeza panorâmica!

Aqui e ali parámos, a ganhar fôlego. «F. desempregou-se, há mais de um ano, pra olhar pelos pais.» Heroísmo!

E d'alma cheia prosseguimos a caminhada.

Batemos na porta da cozinha.

— Não venha por aqui. Inda não arrumei. Estou a dar o caldinho à minha mãe...

Entramos pela sala. Num quarto, o pai, descomposto, ajoita a roupa da cama. Balbucia. Cumprimenta. Noutro, a mãe sem fala; entrevada. Olhos penetrantes. Malga de caldo à cabeceira.

— Não diz nada. Faz tudo na cama. Dou-lhe o caldinho logo de manhã. Tenho de lho meter na boca; devagarinho, como vê — sublinha a filha. Agora, composto, o pai olha-nos de frente.

— Veja como nós estamos! São os anos... Eu tenho 82. Ela, 75. Sou quebrado. Estamos no fim...!

Voltamos à mãe. Acariciamos a face enrugada. Olhamos o crucifixo, sobre o travesseiro. Cristo por companhia. Assim ficamos um minuto prolongado. Única reacção: ela afloira uma lágrima que se desprende, emoldurada na face imóvel, exprimindo alegria interior. É a linguagem dos Mártires, dos Santos!

Em cima da arca, um ror de roupa usada, remendada por todos os lados; mas limpa, branca, cheirando a sabão!

— Ela faz tudo na cama. Mas está sempre limpinha.

— Estou a ver.

— O meu calvário é muito grande! Tenho de o suportar. Quase não posso ir a parte nenhuma!

Foi, então, possível, o diálogo completo. A história desta Filha, cuja doação total é uma fantástica lição para o mundo dos nossos dias.

— Quando eles acamaram, eu também não andava bem. Vim pra casa com baixa da Caixa. Meses depois, o médico deu-me alta. E fui despedida da fábrica!...

— Como se têm governado?!

— Os trambolhões.

— Agora, é só a reforma de meu pai: quinhentos mil réis. E dinheiro emprestado. E...

— Emprestado por quem? E quanto?

Suspira fundo.

— De..., quatro contos. A padreira já devo três meses...

— E quanto a mercearia?

— Devo muito, também!

Sobre a cómoda, vemos papéis da Caixa de Previdência e da Casa do Povo.

— Posso ler esses documentos?

— Faça favor.

— Porquê este ofício da Junta Central das Casas do Povo?!

— Escrevi porque não querem dar reforma à minha mãe...!

Lemos o ofício da Caixa de Previdência, exigindo o reembolso de duzentos e tal escudos que a filha recebeu indevidamente, por alta antecipada. É uma instituição modelo, para o comum das Caixas; onde, aliás, contamos muitos e bons amigos.

Decidimos deixar àquela heroína todo o dinheiro que trazíamos; arrumar contas de padeiro e merceiro. Ali, comprará diariamente uma dúzia de pão, para consumo dos três; aqui, se não for preciso mais, levantará mensalmente 500\$00 de mercearia.

Entretanto, com prévio telefonema, marcámos dia para uma abordagem na Casa do Povo. Irá pelo seu pé, defender os seus interesses.

O pai berra, da cama: — E o nosso comer?!...

Intervém a filha: — Como vê, a minha vida está assim; quase não posso sair! Preparo-lhes o caldo e vou à tarde. Ficam arrumadinhos.

— Está bem, responde o pai. Marcámos outro dia para ela ir ao Porto, repor na Caixa o que é devido; e, no Sindicato, pedir a sua intervenção no subsídio de Desemprego.

Primeiro, Justiça!

Já telefonámos à Casa do Povo. Aplanámos caminho. Informação oficial: — O assunto não foi arrumado, oportunamente, porque não requereram a pensão como jornalista. «A minha mãe nunca foi jornalista — disse ela — mas trabalhou na agricultura» — remata o funcionário.

Admirámos o poder da verdade. Só é pena o subsídio — repugna atribuir-lhe o nome de pensão ou reforma — estar sujeito a tantos flocos!

CONTAS — O nosso tesoureiro fechou as contas de 1975. E já foram apreciadas em reunião.

Sentimo-nos confundidos com as somas que passaram por nossas mãos; e pelo bem, ou menos bem feito!

Damos, agora, a conhecer aos nossos prezados Leitores — de quem os Pobres dependem materialmente — o resultado da nossa acção, em 1975:

A Receita atingiu 166.669\$40, assim desdobrada: saldo de 1974, 24.204\$90; colectas, 434\$50; donativos por intermédio de «O GAIATO», 123.600\$00; «pequenos auxílios» do Património dos Pobres para a Auto-Construção, 15.000\$00; diversa, 3.430\$00.

A despesa somou 164.062\$60, aplicados no seguinte: auxílio domiciliário (em géneros, dinheiro, etc.), 88.744\$40; auxílio profissional (quotas da Casa do Povo, Previdência, etc.), 3.025\$00; auxílio na doença (medicamentos), 761\$50; auxílio educacional (livros, etc.), 450\$00; auxílio na habitação, 45.000\$00 para 16 Auto-Construtores (15.000\$00 dos quais, como já referimos, provenientes do Património dos Pobres) e mais 23.023\$00 em 3 reparações por administração directa —

68.023\$00 no total; Boletim da SSVP, 32\$50; contribuição para o Conselho Central da SSVP, 1.826\$20; subsídio à Conferência Vicentina de Galegos (terra natal de Pai Américo), 1.000\$00; outras despesas, 200\$00.

Houve, portanto, em 31 de Dezembro p. p., um saldo de 2.606\$80 que transitou para 1976.

Em linhas gerais, sublinhamos a formidável partilha dos nossos Leitores que permitiram fornecer o mínimo de subsistência (além de outras soluções) à terceira-idade sem pensão ou com ela insuficiente; a incapacitados sem proventos; a doentes e viúvas. O quadro social mais negro e, até agora, o menos beneficiado deste País.

Resta-nos sublinhar, ainda, o apoio que fornecemos à Auto-Construção espontânea.

Por tudo quanto fica expresso, damos graças a Deus.

PARTELHA — Da Rua Alexandre Herculano — Lisboa — 20\$00, «com um grande abraço», que retribuimos com amizade. «Em memória da minha querida Mãe, no dia do seu aniversário», 150\$00, de Gaia. Duzentos escudos da R. da Saudade — Lisboa. Os habituais 20\$00, do Porto, em memória de D. António Barroso. A «partilha habitual» com toda a amizade, da Assinante do Seixal. Abençoada persistência! J. A. C., do Porto, com 50\$00 por «alma dos meus familiares». O dobro do assinante 16078, também do Porto. Mais 70\$00 de Ramalhe, Porto. Mais 50\$00, de Gaia, assinante 25660. O mesmo de C. R., da Invicta. Da Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro, uma oferta muito útil. Alhandra, 50\$00 «para o Pobre mais pobre». O mesmo da assinante 17022, cuja perseverança é verdadeiramente extraordinária! Mais uma oferta delicadíssima, de S. Mamede de Infesta. Um bom amigo de Ovar com 90\$00 por alma de sua esposa. Mais 200\$00 de Laura, da capital. Mais 210\$00 de A. F., «por alma de minhas tias». Mais 100\$00 do Porto, Rua da Constituição. O dobro de S.

Mamede; de boa amiga que aparece assiduamente. Assinante 9790, com o mesmo. Torres Vedras, 20\$00 que queimam. São de uma Pobre! De Fátima, 500\$00 é um pedido: «Não publiquem o meu nome!» Mais 220\$00, de Lisboa, «que sobraram dumas contas». Assinante 21200 com 100\$00. E, por fim, metade da Rua de S. Ciro, Lisboa.

Para todos, um muito obrigado — em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CARNAVAL — Alegre como é costume nesse dia.

De manhã trabalhamos, mas a tarde foi livre para que cada um pudesse manifestar a sua alegria e fazer as suas brincadeiras.

Após o almoço foram distribuídas serpentinas. Muitos não se contiveram e há que as deitar mesmo ali, dentro do refeitório.

Poucos foram os que se mascararam e enfeitaram, mas mesmo assim todos arranjaram maneira de se entreterem.

A noite, e para o dia não terminar molengo, foi projectado um filme «Norman na tropa» que muito satisfaz a maioria.

Foi assim o nosso Carnaval. E o dos Leitores?

EM DESCANSO — Partiu há cerca de quinze dias, a fim de descansar, o sr. P.e Carlos.

Esperamos que descanse a fim de poder continuar a obra tão grandiosa que lhe foi confiada.

Estes, os votos da Comunidade.

SERVIÇO MILITAR — Foram chamados mais dois dos nossos — «Fidalgo» e Martins — a fim de cumprirem o serviço militar.

O «Fidalgo», não sei se os Leitores se lembram?, era o antigo cronista de Paço de Sousa.

Para eles, os votos de maiores felicidades e que Deus os ajude.

«Marcelino»

A VENDA DO JORNAL NO CENTRO DO PAÍS

Eu vou falar sobre a divulgação de «O GAIATO» no centro do País.

Para nós, vendedores de «O Gaiato», quando chega a hora de partirmos, cada um para seu lado, sentimos entusiasmo e uma grande alegria por irmos visitar os nossos amigos, por irmos tomar ares noutras terras, e acima de tudo, temos alegria porque sabemos que vamos distribuir uma mensagem de amor e confiança.

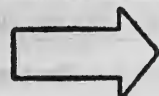
E assim conscientes da tarefa que temos para executar, lá vamos nós!

Por toda a parte somos recebidos com alegria, mimos e calor.

Todas as pessoas gostam de tratar bem os Gaiatos que batem às suas portas e lhes mostram o jornal!



O Domingos Teixeira e a Margarida casaram na Capela de Paço de Sousa.



Novos Assinantes de «O GAIATO»

A coluna de novos Assinantes revela potencialidades que não poderíamos deixar de sublinhar.

A correspondência de ou por causa de novos Assinantes é sintomática. Trechos concisos, de expressiva riqueza. Como este postal de Portalegre:

«Gostava imenso de receber o vosso jornal. Já o recebi durante vários anos, mas não me foi possível mandar-lhes nada. Agora, que me encontro um pouco melhor no aspecto financeiro, não quero deixar de ter o vosso jornal e tentarei satisfazer as minhas dívidas antigas.

E sabem porque sinto a necessidade de ter «O GAIATO» hoje mais do que nunca? Porque todo ele é uma mensagem de amor, num mundo e num país em que por vezes só se respeita a violência e o ódio...

Continuemos.

Que dizer desta carta de Aveiro?!

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

lar «O Profeta» de Ricardo Cantaliedra ou o «Apocalipsis» dos Aqua Viva e no-los queira emprestar para fazermos as gravações ficamos muito gratos; senão, teremos que substituir estas músicas por outras. E quem sabe se conseguiremos fazê-lo com êxito? Nós queremos levar-vos uma Festa muito boa.

«Lita»

N. R. — A Festa no Coliseu do Porto, em princípio, está marcada para o dia 6 de Maio, às 21,30 h; e, no dia seguinte, à mesma hora, estaremos em Aveiro, no Teatro Aveirense.

vendedores das outras Casas do Gaia-to, por onde passamos, fica presente uma mensagem de Doutrina e de entendimento entre os homens.

Amigos Leitores! As nossas vendas de Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Tomar e Leiria têm vindo a ser afectadas, já há algum tempo, porque não temos transporte gratuito da empresa dos Claras, como dantes.

Nas estradas, principalmente para a Beira e Tomar é difícil apanhar boleia porque há pouco movimento. O que nos vale é que muita gente nos conhece e quando passam os primeiros carros, apanhamos quase sempre boleia. Mas, não seria melhor que os actuais directores da empresa dos Claras chegassem a um acordo?

Caros Leitores, nós queremos pedir que se tiverem possibilidades de contactar com algum dos actuais dirigentes desta empresa, falem da situação em que nos encontramos, quando nos entregamos à nossa sorte por essas estradas fora!

Benjamim

«Meus amigos:

Desculpem tratar-vos assim, mas embora não tenha contactado de perto convosco sou sem dúvida muito vossa amiga e quero que vocês sejam também meus amigos.

Quero ser assinante do vosso jornal, embora na empresa onde trabalho o assinem e eu o leia sempre com ansiedade. Desejo ardentemente possuí-lo para poder ler e reler quando dele precisar.

Não divulguem o meu nome, pois ele nada vale e eu não sou ninguém.

Um abraço para todos...

Reparai na delicadeza desta carta da Parede:

«Pretendo ser — caso me aceitem — assinante do vosso jornal.

De há muito que o conheço, mas ultimamente leio-o com mais assiduidade e daí o gosto de me fazer assinante.

Desejava muito, se vos for possível, o envio do livro o «PÃO DOS POBRES». Espero também vir a possuir «O LODO E AS ESTRELAS», mas vamos andando passo a passo, não é verdade?

Agradeço muito a atenção que me dispensarem. Os meus sinceros votos para que c êxito vos acompanhe sempre...

Mais notícias cheias de calor, amizade, simpatia — e alegria interior!

Reigada:

«Venho comunicar-vos, com alegria, que já tenho mais um assinante certo. Este ano ofereço a assinatura a um jovem casal de afilhados, mas eles já se comprometeram a continuar assinantes.

Com amizade, a velha assinante de há 25 anos...

Lisboa:

«(...) Da importância que envio — 500\$00 — peço que tirem o que entenderem para pagar também a assinatura de «O GAIATO» a uma pessoa que tem muito gosto em o ler, e a quem quero oferecê-lo como presente.

Logo que possam, comecem a mandar-lhe o jornal, que será uma alegria para ela.

Eu agradeço muito, todas as vezes que através do vosso jornal a minha fé aumenta.

Com muita amizade...

Ermesinde:

«(...) Peço o favor de anotarem uma nova assinatura.

Desde que o vosso jornal entrou em minha casa, já há longos meses, leio sempre o «Famoso»; e sempre em viagem, na ida e vinda do comboio para o almoço, pois gosto da sua leitura que me satisfaz e, com certeza, a muitos outros que o lêem...

Agora, um problema de todos os dias:

«As minhas desculpas pela enorme falta que representa o facto de me ter esquecido de pagar os livros...

Aproveito a oportunidade para informar que não tenho recebido «O GAIATO», provavelmente por me ter esquecido também de mandar rectificar o endereço.

Os meus agradecimentos e desculpas...

Para o facto, chamamos a atenção dos nossos Leitores. São muitos, na realidade, os

que mudam tarefas, mas esquecem de pedir a rectificação do endereço em «O GAIATO».

Outra nota muito simpática da capital:

«(...) Venho trazer-lhes uma nova assinatura, a de minha primeira netinha. Quero que, de pequenina, vá conhecendo e amando a vossa Obra.

Como nasceu em Janeiro, agradeço que a assinatura seja dessa altura e, portanto, não esqueçam o envio dos jornais desde Janeiro.

Que Deus nos vá ajudando e dando forças e trabalhos por um Mundo Melhor...

Em conclusão: trinta e dois anos depois, com a linha de rumo da primeira hora — e por isso mesmo — «O GAIATO» continua a inquietar, com

a mesma intensidade, todos os homens de boa vontade!

Vamos, por fim, dar um registo das terras que marcaram presença com novos Assinantes: Rio Tinto, Amarante, Sabugo (Oeste), Mogadouro, V. N. de Gaia, Cabeça, Tortosendo, Gondomar, Columbeira, Parede, Avintes, Vilar de Andorinho, Mafra, Queluz, Cadaval, Canidelo (Gaia), Penafiel, Reboleira (Amadora), Bragança, Lamego, Lalim (Lamego), Ferreiros (Lamego), Algueirão, Aveiró, Ponte de Lima, Caxias, Tomar, Palhavã de Baixo, Ermesinde, Serquielo (Foz do Sousa), Agualva (Cacém), Pombal; Lisboa e Porto, um rol de gente! Mais Rio de Janeiro (Brasil), Essex (Inglaterra) e Dellwic A. M. Braukc (Alemanha).

Júlio Mendes

Setúbal

● Tenho andado triste. Triste e preocupado. Há dias recebi recado do meu mais velho de que só assistia às aulas de Moral quem quisesse.

Tanto ele como o irmão andam no Ciclo Preparatório TV junto com os nossos da «Casa Grande» e mais outros de fora. Inquiri o porquê e recebi da boca dos dois a confirmação. É a ordem, é o regulamento que diz: só assiste às aulas quem quer.

Eu dei do que tenho para dar e mostrei a estes dois meus filhos o valor da Moral na vida futura. Disse-lhes que se não deixassem levar pelas cantigas dos outros, que não têm outro intuito senão brincar. Eu disse tudo isto e mais que, se queeres, me há-de ouvir nesta página que se não é de revolta é doutrina dum revoltado, já que é maré da moda.

É triste que queiramos semear boas sementes sem primeiro arrancar os escairachos e as gramas que inundam as terras. É bem amargo para o vizinho dessa terra ver contaminada a sua que ele com tanto esforço tentou limpar para que no S. Miguel as colheitas fossem boas e guardar delas sementes para o ano seguinte.

Falo-te em terrenos e sementes quando afinal é de instrução e educação escolar o problema.

Eu não sei nada de reformas, mas a avaliar pelo que vejo os nossos «terrenos» escolares estão muito pobres. Os alunos de hoje são vítimas já daquilo que os actuais professores foram aqui há anos, quando principiaram os primeiros passos escolares. Quem os ensinou não tinha a preparação necessária para o fazer.

— Mas tirou o curso!...

Pois tirou, sim senhor. Tirou um curso para se colocar, para fazer o que outros já antes tinham feito.

Noutro dia, uma professora amiga dizia-me, com mágoa, que a sua filha foi pró Ciclo Preparatório, mas que ainda não sabe nada. Eu conheço esta professora, andava ela ainda no Magistério. Conheci a directora desse Magistério. Já existia ali, nas lições daquela directora, a liberdade no sentido real. Não foi preciso que surgisse o Abril de 1974 para que ela ensinasse às alunas como deviam fazer, para que essa liberdade fosse deveras o respeito dum pelas ideias do outro homem.

Pois o primeiro respeito que devemos a estas crianças, não é ensiná-las como quem manda um objecto pró ar e depois quem o agarrar fica com ele e os outros que chupem no dedo! Não senhor, não é assim; ir tranquila para casa sem pensar se foi ou não mestra naquela dia. Onde há hoje, na generalidade, a preocupação de ensinar bem? Onde a dita de ter brio e mais dó que isso, o zelo, o dever de merecer o ordenado que afinal sai do bolso das próprias crianças, as quais, seguindo se diz, são a maior riqueza do Estado?

Ir pró campo semear a terra é o que até aqui se tem feito. Mas como a dita carece de grandes cuidados, os frutos são mirrados e a semente sai suja e cheia de sementes daninhas.

Pois é. Antes de se aprender a semear, devemos tratar das terras. As vezes calha de deitarmos fora aquilo que mais falta nos faz. É o caso da Moral. Por ser uma disciplina que «chateia» abandona-se o seu ensino. E como já foi e continua a ser «chatices» para alguns professores, não há o chamamento à criança; não se diz nada do que é a Moral — se é que todos os ditos o sabem. O primeiro valor de que o homem carece deixa de figurar no seu ensino. Digo mes-

Cont. na QUARTA pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Neste momento andam os da 3.ª e 4.ª classes, no recreio do intervalo da escola. No campo de futebol andam os mais aferroados pela bola. Na eira, que serve de campo de hóquei, anda outro grupo com paus de oliveira que servem de stiques e qualquer coisa que se pareça redonda serve de bola. Que vida reclamam uns e outros!

De tarde são os da 1.ª e 2.ª. As manifestações são diferentes, embora a modalidade de jogos possa ser a mesma.

Enquanto os vou vendo e ouvindo procuro acertar em mim a mensagem que hei-de levar aos cristãos que encontrarei nas igrejas da cidade de Coimbra. Por mais que procure não consigo encontrar outra mensagem que não seja a vida destas vidas. Vejo que é esta a mensagem mais autêntica: dizer aos homens que se amem, que se considerem irmãos, que

tenham consciência que são filhos do mesmo Pai do Céu

O Fernando Manuel está internado na secção de infecciosos. Tem dois anos. Ainda não fala. Tenho sofrido muito com o seu atraso. É filho sem pai e a pobre mãe faleceu repentinamente. Havemos de falar sobre isto.

O Rui hoje andou numa festa. Fez três anos. Foi pedir à Senhora e trouxe um carregamento de bolos para oferecer no fim da refeição. Ficou muito desatinado quando todos lhe cantámos «Parabéns a você». E andou de mesa em mesa a dar beijinhos a todos. Também o Rui um dia terá muito que dizer.

Vou continuar a percorrer as igrejas e a dar estes recados a quem me quiser ouvir. Vou continuar a pedir pão para repartir com alegria, porque fruto de muito amor de quem dá.

Padre Horácio

A extinta Casa do Gaiato de Lourenço Marques

Era na verdade o dia 27 de Novembro. Um dia como os outros, mas para nós diferente. Sim! Era mais um ano no corpo de um homem que juntou o seu suor ao nosso sangue, a sua luta para nos elevar nos pilares de uma sociedade sã; mas não o deixaram! Ainda me lembro das suas derradeiras palavras, quando da última vez estivemos todos reunidos: «Lembra-vos deste homem que quis ser vosso Pai mas os homens não deixaram». Ele já sentia a separação dos seus Rapazes.

Chegou o dia 28 de Novembro; um dia que para todos nós ficou marcado na história da Obra da Rua. Pelas 8,30 h. dizem-nos em voz alta: «Têm dois dias para levarem todo o material e deixarem só as paredes da Aldeia». Quando meses antes afirmavam: «A vossa Comunidade, as vossas estruturas são iguais às que queremos implantar em Moçambique, só com uma diferença, a Religião; porque todo o homem deve nascer livre para escolher a sua Religião!»

Apoio estas palavras ditas por eles; mas não a prática, devido ao facto de matarem e escravizarem homens de Religião que são contra as guerras e por fazerem de uma igreja um salão de dança ou de reuniões e comícios.

Há que respeitar o objecto que pertença seja a que Religião ou crença for.

Mas os «progressistas» não respeitaram o acordo...

Chamo a atenção dos ditos «progressistas», ou seja, os homens de recuo à Idade Média que não vêem mais nada à frente deles senão a luta pelo Poder, o egoísmo e ódio pelas pessoas; sendo capazes de ma-

tar e destruir só para criar pânico entre os homens.

Uma das verdades foi extinguiam a nossa Casa de Lourenço Marques, criada pelo nosso suor, fruto de 8 anos de trabalho; e mandarem os Rapazes para outro sítio isolado, onde não havia o carinho de um Pai nem dos irmãos mais velhos e o convívio de uma casa de família.

Haverá alguma casa tão socialista como as nossas, perân-

te os meios com que vivemos; nas quais os nossos Padres se gastam para nos verem bem arranjados e limpos, enquanto eles andam com uma calças todas cosidas; em que não gastam dinheiro num almoço, quando sós, mas gostam de dar um bom almoço aos seus Rapazes quando os acompanham?

Pergunto aos chamados «progressistas»: haverá homens mais socialistas do que estes?

Mas aconteceu que Samora

não compreende esse Socialismo. Só entende que há-de ser como ele tem «a política definida».

Já se viu, no mundo em que estamos, tirar as crianças aos pais e aos manos, que tantos cuidados lhes custaram?

Será isso ser livre?

Liberdade! Liberdade... grita o mundo. Mas hoje todo o Globo se aproxima mais de uma ditadura em que a lei é a da bala.

Sei que estas palavras não afectam os homens que se sentam em grandes poltronas, que só pensam nos seus interesses e não daqueles que morrem inocentes e se sacrificam por criar seus filhos num meio que lhes não é propício e concorrem para o avanço de um país.

Pergunto: hoje, haverá algum homem como o Pai Américo,

que foi o maior socialista de Portugal?, que fundou as Casas do Gaiato para os filhos-sem-pai?

Não há!... Fala-se e perde-se tempo...

Os Leitores não me julguem um político, porque não sou. Simplesmente escrevo aquilo que vi e vejo e hei-de continuar a ver sobre a terra, em que todo o homem luta pelo Poder e cuja luta se transforma em egoísmo e... guerra.

Mas depois de conquistarem o Poder não se lembram daqueles que nem têm pão para comer, que dormem num barraco sem cobertores.

A nossa Obra sempre amparou e há-de amparar esses, enquanto sobreviver.

Será liberdade tirarem os Rapazes da nossa Casa de Lourenço Marques, para montarem uma escola de preparação da polícia secreta (SNASP)?!

JIMY

SETÚBAL

Cont. da TERCEIRA pág.

mo: no seu primeiro ensino. Dá-se importância a tudo, mas ninguém quer descobrir a raiz para ver os males da árvore que é esta nossa sociedade. Se a Escola não for o seguimento da Família, jamais teremos famílias capazes de ter para dar aos filhos. Os professores têm que ter para dar. Pois ensinemos e preparemos os ditos nesse sentido. O professor seja de que grau for, não tem, ou não deve ter unicamente a missão de ensinar. Às vezes a educação prepara o resto e sempre com mais fruto. Os pais e os professores têm que andar de mãos dadas e não dispensar a Moral. E sofrer quando contrariados, mas não desistir. Que cada um se observe e veja que só o desprendimento do «eu» que cada um de nós tem nos ensina a vermos melhor a necessidade que

há de encaminhar os outros para uma Moral mais sã do que aquela que se vive hoje. Que vivemos, por nossa culpa, por descuidos dos quais somos responsáveis. As crianças de hoje não-de acusar-nos amanhã se não soubermos acudir-lhes e alertá-las no verdadeiro sentido da Liberdade, que é o respeito das ideias dos outros; mas que haja o intuito dos mais lúcidos em clarear as ideias, para que não vejamos o uso duma liberdade cheia de egoísmo, onde o «pequeno» quer ser grande e o «grande» quer crescer mais. Eis a derrocada.

● De manhã fomos práns nossas oficinas, na cidade. A «O M» esperava os mais atrasados. Modesto é um deles. Eu abro a porta da cabina; e como achei estranha a sua presença ali, inquiri.

O Alvarinho fez anos e veio fazer festa!

Nisto entra também o Alvarinho e, ao meu colo, a caminho da cidade, soube das bocas destes dois pequeninos muitas coisas que te não sei contar por serem elas amor florido arrancado da lama inocente, duma sociedade pecadora. Alvarinho fez 6 anos; e Modesto penso que é da mesma idade. Andam numa escola infantil e por isso vivem em nosso Lar, na cidade. Eles são os reis da nossa Comunidade. Eles precisam dos grandes; e estes deles, só por via do amor, do bafo que sai duns prós outros.

Esta é uma das muitas imagens de Deus-vivo nos homens.

● «Macaco» fugiu uma vez. Andava na 4.ª classe, que não a chegou a fazer. Um irmão foi pelo mesmo caminho. Um dia encontrei um deles e perguntei pelas suas vidas. Que andavam a ajudar a mãe a vender jornais.

«Macaco», o mais velho, andava entre os 16 anos. Agora veio pedir pra ficar e foi prá nossa oficina de serralharia. Mas foi por dias. A vida da

rua chamava-o. As saudades das companhias, mais da liberdade inconsciente, levaram-no a regressar à rua.

Muitos casos destes têm aparecido na nossa Casa. Umaz vezes são eles, outras os pais, outras os tios ou avós.

Que fazer? Fechar as portas e murar a quinta? Por amor doutros, antes queremos assim: «Somos a porta aberta».

● Sr. Pe. Zé Maria veio abraçar-nos mais a sua juventude.

Na impossibilidade de o deixarem ser «Pelicano» duma das nossas «ninhadas» radicada em Moçambique, ninho construído com o suor de tantos e tantos de vós, regressou. Fez-se Padre para o ser no verdadeiro sentido. Era Pai dos que careciam desses cuidados. O novo País não o quis no Ideal para o qual se fez sacerdote. Ele é «rendeiro» e foi para lá «semear». A semente não interessava às regras daquele País e, por via disso, o «rendeiro» mais os seus operários regressaram sem arado nem enxada; o mesmo — e nós assim o cremos — não acontecendo com a semente, onde alguma ficou, talvez entre pedras e joio, outra talvez em terreno regadio e cultivável e até, quem sabe?, se alguma caiu nalgum silvado e mesmo daí crescerá e dará fruto! «Quando Deus quer até das pedras saem filhos de Abraão» — diz Pai Américo. E nós temos provas concretas disso.

Ernesto Pinto

Aqui, Lisboa!

Vivemos o tempo da Quaresma. Tempo de conversão, de preparação para celebração de Ressurreição de Cristo. Não é difícil ao cristão consciente, descobrir a necessidade que tem de se criticar em ordem a procurar fazer das forças dispersas do seu ser, uma unidade dinâmica ao serviço do reino de Deus.

Não é difícil conciliar o que de contraditório existe no homem, a sua fragilidade e a sua grandeza, a sua condição de ser mortal, sob os riscos diversos e a sua realidade de ser criado para partilhar da Vida de Deus. Tem, pds, o homem, que continuamente se esforça por manter o «equilíbrio» dentro de si próprio, para trazer unidade e coerência à sua vida.

Se alguém tem dúvidas acerca da necessidade que os homens têm de conversão, basta

que pense no que se passa neste nosso Mundo a nível de comunidades, países e continentes: os desencontros de cada um, as guerras físicas e psicológicas, o abandono dos mais fracos. Homens equilibrados formariam sociedades equilibradas... portanto.

Cada homem tem em si determinados dons, determinadas características psicológicas, que deve reconhecer em si para que respeitando-as se possa pôr ao serviço dos Outros, para que a verdade dentro de si o conduza a caminhos de onde a Paz brote e se comunique.

Cristo continua à disposição de quem O quiser procurar. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Que a preparação da Páscoa de 1976 ajude os homens a encontrarem-se e a tornarem-se uns aos outros mais felizes.

Padre Abel

Voz dos Jovens

«Caros amigos:

Que a paz de Cristo, que nos une, esteja em vossa Casa.

Somos dois jovens estudantes (19 anos) que há dois anos tentamos uma trilha para um casamento. Gostamos um do outro e só isto levou-nos a trabalhar para a construção de uma vida que embora não muito estável nos tem sorriso. Uma das coisas que nos fez lembrar de vocês foi que nós temos como dom comum a Fé em Cristo. A C. estuda na Faculdade de Ciências e o Z. no Instituto de Engenharia. Pois, como dissemos logo no princípio, enveredamos pelo caminho trabalho-estudo; e como todo o proveito vem de quanto mais trabalharmos, já nos podemos considerar estabelecidos por conta própria. De cada trabalho resolvemos tirar uma migalha que, juntas de muito sacrifício, vos enviamos. Desejamos sinceramente mantermos-nos no anonimato; mas podeis ter a certeza que não estais esquecidos nas massas jovens; tendes uma Obra da qual vos podeis orgulhar.

Cristo ajuda-vos.

Cristo há-de ajudar-vos.

Cristo reina e reinará nos nossos e vossos corações.

Os vossos amigos despedem-se pedindo desculpa pelo tempo que vos fizemos perder e pelas rasuras que apresentamos.

Pela Fé de Cristo...»



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa